

## O impacto da cultura sobre a sexualidade entre os *makhuwas* da Província de Nampula do Norte de Moçambique

Joaquim Miranda Maloa\*

**ORCID iD** <https://orcid.org/0000-0002-9277-2133>

Geraldo Cebola João Lucas\*\*

**ORCID iD** <https://orcid.org/0000-0001-9839-5917>

**Resumo** (português): Entre os *makhuwas* a sexualidade determina em grande parte a classificação de “bom homem” e de “boa mulher”. A sexualidade e as suas prescrições e interditas, bem como as suas possibilidades de expressão, são, na realidade, um dispositivo pelo qual a cultura ordena as representações e ações dos sujeitos. Este artigo analisa o impacto da cultura sobre o comportamento sexual dos *makhuwas* do norte de Moçambique. Para a consecução da pesquisa, recorreremos à abordagem qualitativa e à pesquisa bibliográfica, onde a sexualidade dos *makhuwas* foi tomada como elemento central para a compreensão da ordem de género, ao mesmo tempo que é socialmente constrangida ao modelo cultural. A conclusão, neste artigo, é de que a cultura, apesar de não ser o único factor, influenciador do comportamento sexual, entre os *makhuwa*, desempenha um papel fundamental na socialização sexual através dos ritos de iniciação ou ritos de passagem, que representa a passagem da infância para a fase adulta, que torna a mulher ou o homem, um feminino ou viril.

**Palavras Chaves:** Cultura; Makhuwas; Rito de Iniciação; Sexualidade.

**Cikhupukupu cakakhalidwe kugwera pakudziwana pezi pa dzinza la wamakuwa waku Nampula mutshi la dziko la Moçambiki**

**Mgwazo** (cinyungwe): Pa dzinza la wamakwa ucindo ndibo umbauonessa kuti muthu ninkazi wacadidina umuna bwacadidi. Uxindi na mukho wacene, na kaoneso kace ndibo bumbalenga makhalidwe ya wathu pa wamakua kumsolo wadziko la Moçambique. Nfunzo lomweli la kwansika thangue tawerenga mapepala na malivro; nfunzo lomweli lidakwanisikapomwe thangue tidaceza ticibvunza na wamakwa wazingi. Nkani ikulu apa ni yakufuna kudziwa kuti wamakwa wambabverana tani wangala mamuna na knazi walipezi. Nfunzo womwei wationesa kuti mikho na kakhalidwe kawo iwo wamakuwa ndibzwo bzwimbacita kuti kubverana kwa wamuna na wakazi, papezi, kasiane na madzinza yanango. Kudzinza la wamakuwawo, mutshikana angamera masuku ambatenguwa acimuyendesa kumwalimu. Kumwalimuko ndiko ambanfunzisiwa bzwa kugonia na wamuna niciani na ulemu wakumpasa mamunayo, watshikana wambacoka kumweko wacidziwa kuti banja niciani. Waphalembo wambanfunzisiwa kuphata wakazi, kumanga goero, na kugwatiua kanda la cakutundira.

**Mafala yampanbvuu:** Kkhalidwe; Wamakuwa; Kakulidwe; Kudziwana Pezi

---

\* Professor Auxiliar do Departamento de Geociências da Universidade Rovuma – Extensão de Niassa. Pós-Doutorado pela Universidade de São Paulo; Doutorado em Geografia pela Universidade de São Paulo e Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos, Brasil. Email: joaquimmaloa@gmail.com.

\*\* Assistente Universitário no Departamento de Letras e Ciências Sociais da Universidade Rovuma-Extensão de Niassa. Mestre em Educação – Ensino de História pela Universidade Pedagógica – Maputo. Email: geraldolucas20@gmail.com.

Joaquim Miranda Maloa, Geraldo Cebola João Lucas, O impacto da cultura sobre a sexualidade entre os *makhuwas*...

**Abstract** (english): Among the *Makhuwas*, sexuality largely determines the classification of "good man" and "good woman". Sexuality and its prescriptions and interdictions, as well as its possibilities of expression, are, in reality, a device by which culture orders the representations and actions of the subjects. This article analyzes the impact of culture on the sexual behavior of *Makhuwas* in northern Mozambique. In order to carry out the research, we resorted to qualitative approaches and bibliographic research, where the makhu's sexuality was taken as a central element for the understanding of the gender order, at the same time that it is socially constrained to the cultural model. The conclusion, in this article, is that culture, despite not being the only factor, influencing sexual behavior, but among the makhuwa, it plays a fundamental role in sexual socialization through initiation rites or rites of passage, which it represents, a passage from childhood to adulthood, which makes a woman or a man a woman or a man.

**Keywords:** Culture, Makhuwas, Initiation Rite, Sexuality.

## Introdução

A sexualidade é uma realidade complexa. O nosso corpo é sexuado e somos biologicamente sexuais. A sexualidade está enraizada no biológico e os nossos comportamentos sexuais dependem dessa dimensão. Por outro lado, a própria actividade sexual produz alterações fisiológicas. No entanto, não somos só biologicamente sexuais, toda a nossa organização social e cultural são também sexuais. Esta tríade irá influenciar, como um todo, a sexualidade, nas suas mais variadas vertentes.

A sexualidade é bastante influenciada pela cultura. Apesar, dos seus requisitos biológicos, é construída e controlada pela cultura. E o tipo de controle varia de cultura para cultura. No norte de Moçambique, por exemplo, o comportamento sexual, sobretudo da mulher, é influenciado pela componente cultural dos ritos de iniciação desde o período pré-colonial. O rito de iniciação determina em grande parte a classificação do "bom homem" e da "boa mulher".

Os ritos de iniciação são instituições culturais praticadas nas zonas centro e norte de Moçambique. Portanto, é comum afirmar-se que são constituintes dos direitos culturais, que são uma das importantes dimensões dos direitos humanos. As instituições culturais organizam os lugares e os papéis e as funções sociais que cada um deve ocupar na sociedade. Nesse sentido, a cultura é determinante para a construção das identidades sociais. Isto é, numa determinada cultura as pessoas aprendem a reconhecer-se e a reconhecerem os outros em termos de partilha de representações e práticas, desde a forma como se cumprimentam, como mostram hospitalidade, como partilham uma refeição e, para ir mais a fundo, como pensam acerca da vida, do amor e da amizade (OSÓRIO.; MACUACUA, 2013).

O rito de iniciação socializa os jovens *makhuwas* na sexualidade e as suas prescrições e interditos, bem como as suas possibilidades de expressão, são, na

Joaquim Miranda Maloa, Geraldo Cebola João Lucas, O impacto da cultura sobre a sexualidade entre os *makhuwas*...

realidade, um dispositivo pelo qual a cultura ordena as representações e acções dos sujeitos. Este artigo analisa o impacto da cultura sobre o comportamento sexual dos *makhuwas* do Norte de Moçambique. Para consecução da pesquisa, recorreremos a abordagem qualitativa e a pesquisa bibliográfica, onde a sexualidade dos *makhuwas* foi tomado como elemento central para a compreensão da ordem de género, ao mesmo tempo que é socialmente constrangida ao modelo cultural.

O artigo está dividido em três partes: a primeira aborda sobre a cultura *makhuwa* do Norte de Moçambique; a segunda faz uma caracterização da cultura *makhuwa* do norte de Moçambique e a terceira apresenta o impacto da Cultura sobre o Comportamento Sexual ou a sexualidade dos *Makhuwas* do Norte de Moçambique.

### **1.A cultura *makhuwa* do Norte de Moçambique**

Moçambique é tido como um país multicultural, com várias unidades étnicas (*tsonga-changanas, chewas, nyanjas, yao, makondes, kiswahilis, chewas, shonas, ndaus, etc.*), (NELIMO, 1989), num contexto de mobilidade, de oposições, mas também de negociações. Neste sentido, a identidade étnica é um processo de construção cultural, com um ou mais elementos que os grupos reivindicam como fundamentais para a sua caracterização, distinção e classificação. Neste sentido os elementos são a língua, um espaço, costumes, valores, um nome, como os *Makhuwas*, a mesma descendência e consciência dos atores de pertença ao mesmo grupo, pode considerar-se que, na atualidade, o grupo etnolinguísticos se inscreve num conjunto mais vasto em que se partilha a religião, formas de organização política e mobilidade económica.

A cultura tem uma dimensão da ordem social, para Malinowski (1975), a cultura é uma totalidade prescritiva que, produzindo e impondo normas, hegemoniza comportamentos individuais. Malinowski (1975), argumenta que a cultura, existindo como resposta às necessidades dos homens, é um todo harmonioso, alienando todas as dinâmicas que fazem dela um fenómeno em constante atualização.

Para Parsons (1967) a cultura é um sistema autónomo, separando e antagonizando o que ele categoriza como cultura tradicional e cultura moderna. Na análise feita por Geffray (1991), os *makhuwa* podem ser designados de diferentes formas, de *macoua, macua, macuas, makhuwa, makoane, mako, mako, makoua, makouwa, makuas, makuwa, makwai, makwa, mato, metho, makua, wamakua* entre outros. Os *makhuwa* são um povo de origem bantu da África oriental e central que se estabeleceram, através de migrações voluntárias seculares, em Moçambique, na Tanzânia e no Malawi.



Joaquim Miranda Maloa, Geraldo Cebola João Lucas, O impacto da cultura sobre a sexualidade entre os *makhuwas*...

Em Moçambique, a fixação geográfica dos *makhuwa* preenche toda a região norte, noroeste e nordeste, desde o litoral ao interior chegando à parte setentrional ocidental do vale do Zambeze. A localização geográfica dos *makhuwa* acontece numa encruzilhada de vários outros grupos etnolinguísticos, muitos deles que foram ao longo da história travando guerras de ocupação de territórios e chefaturas locais. É também por essa razão que, internamente, a própria língua *makhuwa* e os seus subdialectos sofreram variações significantes até se estabelecerem os subgrupos *makhuwa-lomué*, *makhuwa-moniga*, *makhuwa-saca*, *makhuwa-metho*, *makhuwa-marrevone* e *makhuwa-shirima*, com traços culturais e de organização social autónomos (MEDEIROS, 2007).

No quadro da sua organização cultural os povoados *makhuwa* tem com as danças (*tufo*, *n'soope*), os costumes culturais (uso do *musiro*, uso da capulana), a culinária (consumo da mapira e mexoeira), as actividades socioeconómicas (comércio de quinquilharia, agricultura e pesca) e a indumentária religiosa ao cruzamento de dois contextos, um *bantu* e outro árabe-swahili (também milenar). Sob este panorama está o seu factor determinante de organização social, o parentesco matrilinear (MARTINS, 1989).

Outro dado importante é a miscigenação que o grupo original *makhuwa* foi tendo com outros povos de outra origem etnolinguística (por força do islão ou de outros factores socioeconómicos e políticos), dando ao grupo *makhuwa* uma perspectiva dominante nesse contacto, pelo menos na região, muito por conta da sua grandeza demográfica (notória ainda nos dias de hoje e/ou por força da sua primeira islamização que facilitou a criação de *xeicados* (chefaturas afro-islâmicas) na zona, enquanto formas de organização política, muito antes da ocupação colonial portuguesa em Moçambique (GEFFRAY, 1991).

## **1. Caracterização a cultura *makhuwa* do norte de Moçambique**

Aliás, como afirma Medeiros (2007) no seu estudo “o sistema linhageiro *makua-lomué*”, o sentido de grupo nos *makhuwas* é anterior ao da pertença familiar. Neste ponto, constatamos que, embora similares aos *makondes* (historicamente seus principais rivais etnolinguísticos da região), os *makhuwas* retomam o sentido de pertença familiar, após entrada na fase adulta – fase essa que é fortemente conferida pelos ritos de iniciação (não tão secretistas como nos *makondes*, fazendo recordara sua característica histórica de abertura do grupo desde a sua migração, fixação, miscigenação e intercâmbio diverso com outros povos nas regiões aonde se foram estabelecendo), como veremos a seguir.



Joaquim Miranda Maloa, Geraldo Cebola João Lucas, O impacto da cultura sobre a sexualidade entre os *makhuwas*...

É pelo quadro matrilinear que, pela ordem de sucessão das chefias (do clã, da chefatura – *nikholo* – ou da família), o filho mais velho da irmã uterina do chefe falecido tem prioridade sobre os outros na fila sucessória. Isto, segundo Osório (2006), não altera porém, a ordem patriarcal da distribuição e organização do poder. Esta é ainda mais significativa do ponto de vista comunitário que familiar, segundo o respeito conferido pelos indivíduos a cada um dos dois níveis. E quanto que, *onikholo* tem poder de interferência na ordem familiar); os chefes de aldeias controlam o acesso à terra de todos os dependentes masculinos internos e dos novos integrantes, por afinidade, ao grupo *makhuwa* (MARTINS, 1989).

Tradicionalmente, a sociedade macua<sup>86</sup> obedecia ao princípio da filiação genealógica por via uterina e ao princípio da territorialidade que determinavam as formas de organização política e as relações sociais e políticas entre os macuas. A sociedade macua-lómuè é constituída por clãs matrilineares exogâmicos que povoavam, de modo disperso, o extenso território do norte de Moçambique agrupados em linhagens, segmentos de linhagens e grupos de filiação. O clã matrilinear ou *nihimo* (plural *mahimo*) é concebido como critério de organização social e do ordenamento da hierarquia das linhagens.

A figura central do *nihimo* é a mulher, matriarca, a *pwiamuene* ou rainha, a única que pode transmitir a essência mística de um antepassado comum. As mulheres possuem os filhos e a terra, dificilmente abandonam a povoação onde nasceram, assumindo o papel de educadoras e fiéis depositárias da língua, dos usos e costumes tradicionais. Só as mulheres conhecem a técnica mágica das sementeiras e das colheitas, os segredos culinários, o fabrico das bebidas fermentadas e alcoólicas e dos recipientes de barro em que são confeccionadas e servidas. Sendo a sociedade macua uma sociedade matrilocal, as mulheres dificilmente abandonam a povoação onde nasceram e mantêm intacta a pureza da língua e das tradições e em contacto permanente com os mortos aí sepultados.

A matrilinearidade Makhuwa, (*nloko, maloko, miloko, oloka*) é constituída por um conjunto de pequenas unidades de filiação uterinas, *erukulo* (plural *irukulu*, que significa ventre), residindo em geral no mesmo território e cujos membros reconheciam a sua descendência comum, evocada como mãe comum até à sétima geração descendente (MEDEIROS, 2007).

Este antepassado fundador é recordado pela tradição oral, guardiã da memória histórica do grupo, mas para além de sete ou mais gerações, torna-se difícil a reconstituição da árvore genealógica, sem conduzir à mitificação dos factos passados

Joaquim Miranda Maloa, Geraldo Cebola João Lucas, O impacto da cultura sobre a sexualidade entre os *makhuwas*...

(IVALA, 2000). Apesar de a descendência ser matrilinear, a origem de cada linhagem é referida a um antepassado mítico fundador masculino, *nikhoto* (*nokokoto*, entre os *ametos*). Literalmente significa o chefe de uma manada ou o bando de animais e, por analogia, para designar o homem que dirigiu o deslocamento do agrupamento, formando o núcleo central de consanguíneos e respectivos aliados que vivem no mesmo território.

Tal como a genearca, o *nikhoto* era recordado no culto dos antepassados e noutras cerimônias socio-religiosas. Os representantes vivos dos antepassados assumiam um papel preponderante pela referência a um antepassado comum conhecido, que era a base da unidade da linhagem (MEDEIROS, 2007).

Geffray afirma que na região macua, o pai não é socialmente o gerador dos filhos, não lhes transmite filiação. Os irmãos são apenas os membros da linhagem materna, *ohima* (ou *omusil amudhi*), entre os quais é interdito o casamento (GEFFRAY, 1991). Todos os membros tinham o nome do fundador da linhagem, traduzindo-se em laços de fraternidade, embora esta solidariedade não impedisse tensões frequentes no interior do *nloko* (MEDEIROS, 2007). A linhagem tinha um território delimitado inalienável, *mutthete*, mas era permitido a cedência temporária a outros grupos familiares (MEDEIROS, 2007).

A expansão demográfica da linhagem mãe dava origem a segmentos de linhagem autônomos, com os quais mantinha relações de influência ao longo de algumas gerações, mas que depois autonomizavam-se e davam origem a outras *maloko*, mantendo entre si a estrutura posicional dos seus fundadores no seio da linhagem mãe. Um segmento *munamwene* fundava uma linhagem sênior e assim sucessivamente (MEDEIROS, 2007).

A linhagem makhua tem como característica fundamental a tendência para se cindir em pequenos grupos para uma melhor ocupação do território e da população agrícola. O fenómeno da cisão era permanente e ocorria geralmente quando o *nloko* era demograficamente muito grande e os seus membros estavam demasiado dispersos pelo território.

Não existia nenhuma regra para a divisão das linhagens, mas a morte da genearca<sup>1</sup> e do chefe masculino da linhagem era propícia à cisão linhageira, uma vez que com a morte da fundadora desaparecia a unidade e solidariedade do grupo, excepto quando já havia uma substituta para manter coeso o grupo, por motivos económicos. Esta tendência para a fragmentação insere-se no contexto da existência de uma dimensão ideal do conjunto das unidades básicas de produção da linhagem.

---

<sup>1</sup> Genearca (latim, *genearcha* > grego, γενεαρχης) é o primeiro fundador ou progenitor de uma família, de uma linhagem ou de uma espécie.

Joaquim Miranda Maloa, Geraldo Cebola João Lucas, O impacto da cultura sobre a sexualidade entre os *makhuwas*...

O equilíbrio e sobrevivência da linhagem dependiam da quantidade de mulheres que nasciam na linhagem. Quando as unidades familiares da linhagem não conseguiam assegurar a sua reprodução natural, gradualmente a linhagem desaparecia e os seus membros eram integrados noutras linhagens. Para se expandir a linhagem podia integrar indivíduos de fora. As práticas de integração de *outsiders* por raptos e adopção de mulheres e crianças foram muito utilizadas ao longo da História dos povos makhua.

O *nihimo* é uma entidade espiritual e esotérica transmitida apenas pelas mulheres. Os seus membros reconhecem-se pelo mesmo nome de família, Econe, Lapone, etc., pelo qual os indivíduos que receberam o mesmo *nihimo* se designam e partilham como irmãos a mesma entidade espiritual. Uma pessoa pertence ao *nihimo* da sua mãe. E não é apenas uma família, é uma unidade de pertença, cujo alcance vai além do mundo visível. A substância da pessoa provém do *nihimo* e retorna a ele depois da sua morte. O *nihimo* vem desde o início da humanidade aqueles que ainda vão nascer. Possuir substância do *nihimo* é o mesmo que ser possuído por ele. Ser de um certo *nihimo* é ser de uma certa espécie. O *nihimo* só cessa com os homens, que nada transmitem aos filhos das esposas (GEFFRAY, 1990).

O indivíduo que não pertencia a um clã, *akanihimo*, não tinha uma existência social. Daí a importância que tinham os ensinamentos em relação às origens clânicas e linhageiras na preparação dos rituais de iniciação, com o intuito de inculcar o sentido de pertença nas crianças<sup>88</sup>. Pela transmissão ritual, toma-se conhecimento do seu *nihimo* e do saber esotérico que lhe está associado, o *nifito*, o caminho que os antepassados do clã percorreram. A transmissão do *nihimo* estabelece a identidade social e veicula o princípio simbólico que preside ao exercício de um poder sobre os sujeitos (GEFFRAY, 1990).

Os clãs macuas distinguem-se uns dos outros pelos respectivos nomes e no interior das regiões reconheciam-se pelo nome do fundador da linhagem que chegou primeiro ao território, geralmente a linhagem dominante. Geffray (1991), refere à linhagem como uma instituição, define-a como sendo um fragmento da sociedade oficial, um segmento do clã que repete constantemente uma estrutura institucional homogênea que remete na totalidade para o princípio de filiação e para o antepassado comum que o polariza.

A maioria dos clãs macuas reclama a sua origem nas terras próximas dos montes Namuli, na Zambézia. No entanto, no século XVIII formaram-se novos clãs na região, quando ramos de clãs tradicionais adoptaram novos nomes. Na organização clânica existia o princípio de ordenamento binário chamado *onavili (unavali)*, através do qual dois



Joaquim Miranda Maloa, Geraldo Cebola João Lucas, O impacto da cultura sobre a sexualidade entre os *makhuwas*...

clãs estabeleciam uma relação de aliança e ajuda mútua recíproca, em relação à hospitalidade, aos funerais e às cerimónias de carácter mágico-religioso (MEDEIROS, 2007).

*Mwene*, o chefe político, apesar da sociedade macua ser matrilinear, o poder político não era matriarcal. Os membros do *nloko* subordinavam-se politicamente ao homem. As crianças adoptadas e ainda não iniciadas eram acolhidos no interior da família sem grandes formalidades, contrariamente ao que acontecia com os que eram de um clã conhecido, estes deveriam esquecer o nome do clã de origem antes de receber um novo nome, através de rituais específicos, para poder ser integrado na família capturadora (MEDEIROS, 2007).

O homem, mais velho da geração mais antiga, o homem que detinha o poder no grupo uterino de consanguíneos. O tio materno era o chefe da família alargada (*tàta* ou *hálu*). O chefe da linhagem e os seniores dos segmentos das linhagens eram os *ashitàta* (plural de *tàta*), ou seja, os tios maternos seniores mais próximos na estrutura social vertical dos fundadores dos grupos de filiação. Os conselheiros (decanos) que eram chefes das linhagens chamavam-se *mamwene* (singular, *mwene*), termo bantu que significa senhor, chefe, dono ou *mahumu* (singular, *humu*). Cada região tem um chefe principal, o *mwene* da linhagem primogénita e dominante, chamado *mamwene mulupale* (*mwene okwene* no interior) era o chefe dos chefes das outras linhagens aliadas, os chefes pequenos que eram designados *mamwene akhâni* (ou no singular *mwene muakhâni*).

### **O impacto da Cultura sobre o Comportamento Sexual ou a sexualidade dos Makhuwas do Norte de Moçambique**

O comportamento sexual dos *makhuwas*, do Norte de Moçambique, é bastante influenciado pela cultura, sobretudo pelos ensinamentos dados durante os ritos de iniciação. Segundo Nhauleque (2020, p.1), O rito de iniciação feminino (*Wanela emwali*) se inscreve numa óptica de continuidade dos ensinamentos da cultura e do bom comportamento, cuja primeira transmissão é feita pela mãe, diariamente. O rito, vai insistir num pano de fundo de uma pessoa jovem, mas já sensibilizada e preparada para receber outros ensinamentos, desta vez, por obra de mulheres externas à mãe e que lhe irão introduzir na vida adulta. Para que uma rapariga seja submetida a *waneliwa emwali* (ritos de iniciação feminino) é necessário e indispensável que tenha a *wona mweri* (menarca).

Joaquim Miranda Maloa, Geraldo Cebola João Lucas, O impacto da cultura sobre a sexualidade entre os *makhuwas*...

Depois de uma refeição comunitária, as meninas, ao longo da tarde, são levadas para um lugar relativamente isolado, com casas abandonadas ou cabanas improvisadas. Os ritos femininos duram duas noites e três dias. Os aconselhamentos só acontecem ao longo da noite, e durante o dia, as pessoas dormem. Tal opção deve-se ao facto de os ensinamentos transmitidos serem considerados sagrados, que precisam de calma, tranquilidade, muito silêncio e concentração. Funciona como forma de respeito pela herança herdada pelos antepassados. Como o uso do *mussiro*<sup>2</sup> que é um creme tradicional para a pele, feito à partir do caule de uma planta conhecida pelo mesmo nome. Alega-se que este creme é rejuvenescedor e que também combate as espinhas (Borbulhas, acne). Por isso, as meninas *Makhuwas* começaram a usá-la na passagem da adolescência para a juventude.

**Figura 1:** As meninas Makhuwa usando mussiro na cara durante o rito de iniciação



**Fonte:** Eliana apud Camacho (2017)

<sup>2</sup> Sobre mussiro, pode ver: <https://www.mmo.co.mz/conheca-o-mussiro-o-creme-de-pele/>.

**Figura 1:** Mulheres Makhuwas cantando e dançando Tufo.



**Fonte:** ischoolmaputo4 (2014)

A transmissão dos conhecimentos durante os rituais é feita por meio da música cantada e acompanhada pela dança e coros. Como *tufo* que é uma dança de influência árabe, executada ao som do batuque e de cânticos por mulheres vestidas de capulana, blusa e lenço colorido na cabeça<sup>3</sup>.

Os ensinamentos ligados aos ritos consistem em explicar o que é a menstruação, como cuidar da saúde, qual deve ser o comportamento perante os homens, como se vestir, como cuidar do lar, com noções de educação da sexualidade feminina, ou seja, o conhecimento do corpo da mulher, tais como a proibição do incesto e o adultério no geral. Nos ritos que sofreram a influência da religião cristã foram abolidas algumas partes consideradas contrárias ao ensinamento da fé, como palavrões e objectos com formas de órgãos genitais femininos.

Mesmo tendo em consideração as mudanças provocadas pela globalização, quanto ao puxamento dos pequenos lábios é opinado na generalidade que se continue

<sup>3</sup> Para mais informações sobre essa dança, ver: <https://globalherit.hypotheses.org/3157>.



Joaquim Miranda Maloa, Geraldo Cebola João Lucas, O impacto da cultura sobre a sexualidade entre os *makhuwas*...

com este costume, porque tem como benefício travar o pênis na altura da cópula, isto é, permite a entrada lenta do pênis, comprimindo-o, para permitir que o homem e a mulher se sintam excitados. Os pequenos lábios são grande excitante do homem. Para tal, antes de manter relações sexuais, começa a se excitar puxando-os. Portanto, se os civilizados quando se copulam beijam-se e abraçam-se, para nós estes actos são caracterizados pelos pequenos lábios (OMM-Zambézia apud. ARNFRED, 2015).

O alongamento dos lábios vaginais (chamado puxamento) torna a menina familiar com seu próprio potencial sexual desde muito nova, e a convenção de que o homem brinque com os lábios alongados da vagina antes do intercurso assegura preliminares adequadas, agradando a ambos os parceiros sexuais. Além disso, durante o período do isolamento, a menina vai começar a fazer tatuagens em seu corpo. Essas tatuagens são dobras de pele preenchidas com pó de carvão; quando cicatrizadas produzem uma superfície corporal irregular. Feitas com lindos desenhos, as tatuagens corporais são/eram consideradas como tendo um valor estético, assim como tendo importantes funções sexuais. É claro que dói um pouco fazê-las.

As tatuagens, assim como as missangas (contas de vidro usadas em volta dos quadris) servem para motivar o homem, uma vez que alguns homens não sabem como excitar sexualmente uma mulher; quando eles sentem a necessidade de ter relações sexuais eles pegam a mulher de surpresa, e sob essas circunstâncias ela tem poucas chances de chegar ao orgasmo, que é o prazer sexual. Contudo se a mulher tiver tatuagens em seu corpo, usar missangas e tiver os lábios da vagina alongados, o homem tem que começar brincando com essas coisas. "Ao fazer isso, a mulher fica preparada para o ato sexual resultando em satisfação para ambas as parte" (ARNFRED, 2015, p. 190).

O homem *makhuwas* é ensinado e treinado desde a sua adolescência a lidar com as mathunas. Uma mulher que não tenha puxado os lábios vaginais ou que não tenha mathunas afigura-se como sendo não sexy, não excitante, pouco prazerosa. E as mulheres, também, são incutidas que o pênis limpo e saudável é àquele que passou pela circuncisão.

No acto sexual, as mulheres, quando podem, introduzem óleos de rícinos e pó de carvão lenhoso nos seus lábios vaginais tornando a vagina mais oleosa e, simultaneamente, mais pegajosa. Depois é que se introduz o pênis. Estas técnicas de lidar com o corpo e, particularmente, com o sexo faz com que o homem fique mais deliciado e sexualmente satisfeito. Quando o ritual sexual não incorpora os rícinos, a

Joaquim Miranda Maloa, Geraldo Cebola João Lucas, O impacto da cultura sobre a sexualidade entre os *makhuwas*...

mulher lambe, de forma educada e ao estilo macua, o pénis do parceiro. Roça os testículos com a ponta da língua. Na altura do orgasmo ela, dependendo da posição, assegura o homem com mais garra e arranha-o ou coça-o na coluna com as unhas. No fim do acto sexual ela limpa o pénis com água morna e sabão com recurso a uma toalhinha ou capulana (pano).

## Conclusão

O estudo procurava compreender a relação entre cultura e comportamento. Com a pesquisa constatou-se que existe profunda relação entre cultura e comportamento sexual porque os comportamentos dependem do que se aprende culturalmente. A pergunta que conduziu a pesquisa foi: *Até que ponto a cultura influencia o comportamento sexual macua no norte de Moçambique?*

Com a pesquisa constatou-se que a cultura tem um impacto grande sobre a o comportamento sexual dos makhuwas do norte de Moçambique, apesar de não ser o único factor, influenciador do comportamento sexual, mas entre os *makhuwa*, ela desempenha um papel fundamental na socialização sexual através dos ritos de iniciação ou ritos de passagem, que representa a passagem da infância para a fase adulta, que torna a mulher uma "boa mulher" ou o homem um "bom homem". O bom aqui é entendido na forma como lidar com a situação matrimonial, suas vicissitudes e conflitos, mas também como ambos podem se respeitar e serem submissos um a outro.

## Referências

ARNFRED, Signe. *Feminism and gendered bodies: on female initiation rituals in Northern Mozambique*. In: Quaderns. Institute for Society and Globalization, Roskilde University, vol. 26, nº1, p. 61-82, 2010.

ARNFRED, Signe. Notas sobre género e modernização em Moçambique. In: *Cadernos pagu*. vol.45, nº1 p.18-22, jul.-dez. 2015.

FONSECA, Fernanda; LUCAS, Marisa Cortez. Sexualidade, saúde e contextos: influência da cultura e etnia no comportamento sexual. *Revista Port Clin Geral*, vol. 25, nº1, p.65-72, 2009.

GEFFRAY, Christian. *La cause des armes au Mozambique: une Anthropologie d'une guerre civile*, Paris, Karthala, 1990.

IVALA, Adelino Zacarias. *Formas tradicionais de participação comunitária na tomada de decisões, gestão de recursos naturais e resolução de conflitos*, 2000. Disponível em:



Joaquim Miranda Maloa, Geraldo Cebola João Lucas, O impacto da cultura sobre a sexualidade entre os *makhuwas*...

[http://iid.org.mz/formas\\_tradicionais\\_de\\_participacao\\_comunitaria\\_tomada\\_deciso.es.pdf](http://iid.org.mz/formas_tradicionais_de_participacao_comunitaria_tomada_deciso.es.pdf).

Acessado em: 1 fev. 2021.

MARTINS, João. "O Princípio e o Presente: a arqueologia na redescoberta do passado em Moçambique", *Revista do ICALP*, vol.18, nº2, p. 74-92, 1989.

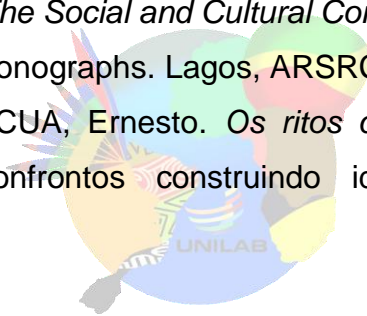
MEDEIROS, Eduardo. *Os senhores da floresta, ritos de iniciação dos rapazes macuas e lómuès*. Porto, Campo das Letras, Col. Estudos Africanos, 2007.

NHAULEQUE, Laura António. Ritos de Iniciação entre os makhuwa do Norte de Moçambique e respeito dos direitos humanos. In: *Macua blogs: Moçambique para Todos*. 23/06/2020. Disponível em: [https://macua.blogs.com/moambique\\_para\\_todos/2020/06/ritos-de-inicia%C3%A7%C3%A3o-entre-os-amakhuwa-do-norte-de-mo%C3%A7ambique-e-respeito-dos-direitos-humanos.html](https://macua.blogs.com/moambique_para_todos/2020/06/ritos-de-inicia%C3%A7%C3%A3o-entre-os-amakhuwa-do-norte-de-mo%C3%A7ambique-e-respeito-dos-direitos-humanos.html). Acessado em: 21 set. 2021.

OKECHI, Okafor Samuel. *The Indigenous Concept of Sexuality in African Tradition and Globalization*. In: *Glob J Reprod Med*. Department of Sociology/Anthropology, University of Nigeria, Nigeria, September vol.18, nº 7, p.25-40, 2018.

OLORUNTOBA-OJU, Taiwo. *The Social and Cultural Construction of Desire and Pleasure Sexuality in Africa*. Magazine Monographs. Lagos, ARSRC, 2010. p.195-201.

OSÓRIO, Conceição; MACUACUA, Ernesto. *Os ritos de iniciação no contexto actual: ajustamentos, rupturas e confrontos construindo identidades de género WLSA Moçambique*: Maputo, 2013.



Recebido em: 17/05/2021

Aceito em: 15/09/2021

**Para citar este texto (ABNT):** MALOA, Joaquim Miranda; LUCAS, Geraldo Cebola João. O impacto da cultura sobre a sexualidade entre os *makhuwas*. **Njinga & Sepé:** Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA), v.1, nº 2, p.293-306, jul./dez. 2021.

**Para citar este texto (APA):** Maloa, Joaquim Miranda; Lucas, Geraldo Cebola João. (jul./dez. 2021.). O impacto da cultura sobre a sexualidade entre os *makhuwas*. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 1(2): 293-306.

Njinga & Sepé: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape>

Joaquim Miranda Maloa, Geraldo Cebola João Lucas, O impacto da cultura sobre a sexualidade entre os *makhuwas*...

